

A pesquisa narrativa: uma introdução

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
UFMG/CNPq/FAPEMIG

A Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA), em seu oitavo ano de existência, passa agora a ser financiada pela FAPEMIG com a contrapartida da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da UFMG, que lhe dão todo o apoio de secretaria e comunicação. A Revista, avaliada pela CAPES como Qualis A, está na base de dados dos seguintes indexadores: MLA, *Linguistics Abstracts*, e *Language Behavior*. Todos os números podem ser acessados na página eletrônica <http://www.lettras.ufmg.br/rbla/> e a versão impressa continua sendo distribuída aos sócios que se encontram em dia com as anuidades da ALAB.

Este número tem por tema a pesquisa narrativa e, ao introduzi-lo, entendo ser importante responder a duas perguntas. O que é uma narrativa? O que é pesquisa narrativa?

O que é uma narrativa?

Muitos são os significados de narrativa que circulam entre nós: uma história; algo contado ou recontado; um relato de um evento real ou fictício; um relato de uma série de eventos conectados em seqüência; um relato de acontecimentos; uma seqüência de eventos passados; uma série de eventos lógicos e cronológicos, etc. As narrativas circulam em textos orais, escritos e visuais e têm sido amplamente investigadas na área de Linguística Aplicada. Veja, por exemplo, a edição especial do *Hong Kong Journal of Applied Linguistics*, editado por Benson e Nunan em 2002 e o livro organizado pelos mesmos autores em 2005. Veja também o livro organizado por Kalaja, Menezes e Barcelos (2008), objeto de resenha neste volume.

Para Todorov (1979, p. 138), uma narrativa ideal começa por uma situação estável que uma força qualquer vem perturbar. Disso resulta um estado de desequilíbrio; pela ação de uma força dirigida em sentido inverso, o equilíbrio é restabelecido; o segundo equilíbrio é semelhante ao primeiro, mas os dois nunca são idênticos. Muitas das narrativas que integram os diversos

artigos mostram com clareza as instabilidades, as mudanças e os novos equilíbrios sempre diferentes dos estados iniciais.

Segundo Bruner (2002, p. 46), “uma narrativa é composta por uma seqüência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores” e acrescenta, mais à frente que “ela pode ser “real” ou “imaginária” sem perder seu poder como história” (p.47). Em sentido oposto ao chomskiano, Bruner (2002, p.69), sem diminuir a importância da sintaxe, entende que o ser humano “ingressa na linguagem” com “aptidões pré-lingüísticas para o significado”. Ele sintetiza dizendo que “nós viemos inicialmente equipados, se não com uma “teoria” da mente, certamente com um conjunto de predisposições para interpretar o mundo social de uma forma particular e para agir sobre as nossas interpretações”. Essas interpretações são da maior relevância para pesquisadores que querem dar voz ao pesquisado e desenvolver seus estudos em uma perspectiva êmica, o que é o caso dos estudos que compõem este número especial.

No caso desta edição da RBLA, as narrativas presentes em todos os textos podem ser identificadas como relatos de experiências pessoais. Para Labov e Waletzky (1967, p.21-22), que trabalharam com narrativas orais, a narrativa de experiência pessoal é “um método de recapitulação de experiências passadas combinando uma seqüência verbal de orações com a seqüência de eventos realmente acontecidos”¹. Em trabalho posterior, Labov (1997) define narrativa de uma experiência pessoal, como “o relato de uma seqüência de eventos que entraram para a biografia do falante por meio de uma seqüência de orações que correspondem à ordem dos eventos originais”. Assim, a narrativa deixa de ser vista como um mero recontar de eventos para ser entendida como algo que entrou na biografia do falante e que é avaliado emocional e socialmente, transformando-se em experiência. Labov entende a avaliação como “informações a respeito das conseqüências do evento sobre as necessidades e desejos humanos”.

Labov reconhece que o trabalho de 1967 lidava com a organização temporal e avaliação e que “a discussão sobre narrativa ou outros eventos de fala, raramente, permitia provar alguma coisa. Era, essencialmente, um trabalho hermenêutico”. Nesse novo texto, ele entende que o mais importante não é focar a produção da fala ou fazer experimentos controlados, mas sim entender

¹ Essa e todas as outras traduções são de minha responsabilidade.

o poder da narrativa na audiência. Essa observação de Labov é de singular importância para entendermos os artigos reunidos neste volume. As narrativas que servem de base aos diversos estudos não são analisadas em função de sua organização textual, mas sim da organização da experiência humana (ver Bruner 2002), da apreciação de si mesmo e de seu fazer como aluno ou professor. Como ressalta Polkinghorne, o objetivo de se estudar o significado narrativo é explicitar as operações que produzem um tipo particular de significado, e retirar as implicações que esse significado tem para a existência humana.

E o que é pesquisa narrativa?

Várias áreas do conhecimento vêm investigando a realidade reconstruída através de narrativas, além da história e da literatura, berço natural da narrativa. Já citamos Bruner, na educação, e Labov e Waletzky na lingüística, para apontar apenas dois exemplos mais próximos da lingüística aplicada, mas podemos encontrar referências à pesquisa narrativa em vários outros campos do conhecimento: na semiótica, na medicina, na enfermagem, na psicologia, na psicanálise, na comunicação, na sociologia, na tecnologia da informação, na antropologia, na filosofia, na arte, estudos *gays*, estudos feministas, etc. Basta usar qualquer mecanismo de busca na Internet para se ter acesso a referências de pesquisa narrativa nessas e em outras áreas.

Clandinin e Connelly (2000, p.20) definem pesquisa narrativa como “uma forma de entender a experiência” em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. As histórias podem ser obtidas por meio de vários métodos: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, e notas de campo. Outra forma de fazer pesquisa narrativa é descrita por Polkinghorne (1995, p. 1) como análise narrativa, um tipo de estudo que reúne eventos e acontecimentos e produz uma história explicativa. Em síntese, a pesquisa narrativa usa as narrativas tanto como método quanto como fenômeno do estudo (PINNEGAR e DAYNES, 2007). Neste volume, a maioria dos capítulos se dedica à análise de narrativas, mas os artigos 9, de Vian Jr é, e 4 de Vassallo e Telles são bons exemplos de análise narrativa.

Lieblich, Tuval-Mashiach e Zilber (1998) apontam duas dimensões da pesquisa narrativa: a holística em oposição à categorial e a de conteúdo em

oposição à da forma. As autoras explicam que a primeira dimensão se refere à unidade de análise, ou seja, se são analisados excertos ou se a análise foca uma narrativa integral. A segunda dimensão diz respeito ao conteúdo, se a pesquisa se concentra no conteúdo integral da narrativa ou se busca significados específicos. Assim são possíveis 4 combinações? Conteúdo holístico, conteúdo categorial, forma holística e forma categorial. Tendo essas quatro classificações como referência, podemos dividir os artigos desse volume da seguinte forma:

Tipo de Pesquisa	Artigos
Conteúdo holístico	4, 5, 9
Conteúdo categorial	2, 3, 6, 7, 8
Forma holística	1
Forma categorial	

É natural que a maioria dos artigos se dedique a análise do conteúdo, pois a área de lingüística aplicada se caracteriza pelos estudos da linguagem como prática social. O artigo 1 de Rodrigues Junior pode ser classificado como uma pesquisa de *forma holística* tendo como alvo um modelo de análise que leva em consideração a estrutura genérica de narrativas de aprendizagem de aprendizes de inglês. No entanto, é relevante ressaltar que ao optar pela lingüística sistêmica, o autor não desvincula o significado da forma.

Os artigos 4, 5 e 9 apresentam uma *abordagem de conteúdo holístico*. No artigo 4, Vassalo e Telles analisam suas próprias histórias de aprendizagem, na modalidade *Tandem*, onde a primeira autora aprende português e o segundo estuda italiano. No artigo 5, Barkhuizen e Benson relatam como levaram professores a refletir sobre o processo de escrita de narrativas antes e depois de uma disciplina quando refletiam sobre um curso de formação de professor. Já Vian Jr., no artigo 9, desenvolve uma narrativa de experiências vividas em seu percurso profissional ao planejar nove cursos instrumentais de produção oral em inglês.

Os artigos 2, 3, 6, 7, 8 apresentam estudos de *conteúdo categorial*. No artigo 2, de Aragão, o interesse do pesquisador é investigar as emoções de aprendizes de inglês e no 3, Paiva identifica, em excertos de narrativas, aspectos do processo de aquisição de segunda língua entendido como sistema complexo. No artigo 6, Romero investiga três categorias – o afeto, o julgamento e apreciação – com o objetivo de entender como futuras professoras se posicionam ante a língua inglesa e como avaliam professores e

o próprio processo de aprendizagem. Em 7, Borges utiliza excertos de narrativas de professores de quatro línguas estrangeiras para identificar referências às abordagens de ensino de línguas estrangeiras e as influências dessas lembranças no uso de determinada abordagem na sala de aula. Finalmente, no artigo 8 de Malatér, o foco é a identidade profissional de uma professora de inglês.

Ao ler os artigos e suas narrativas é possível perceber como os narradores constroem sentido a partir de suas experiências aos lhes dar a forma de narrativas. A partir de uma experiência desordenada, os narradores criam enredos, e impõem ordem a um fluxo de experiências ao dar sentido a acontecimentos e ações em sua vida. (RIESSMAN, 1993).

Quem faz pesquisa narrativa é sempre confrontado com a indagação se o narrador está sendo verdadeiro. Isso nos leva, inevitavelmente, a outra pergunta. Existe realidade ou ela é também uma construção? Riessman (1993, p. 8) alerta que “os pesquisadores não têm acesso direto à experiência do outro. Nós lidamos com representações ambíguas dessa experiência – fala, texto, interação, e interpretação. Não é possível ser neutro e objetivo...”.

Neste número especial da RBLA, o leitor encontrará narrativas de professores e alunos e diversas abordagens de análise. Como cada texto está aberto a várias possibilidades de leitura, esperamos que as “verdades” construídas pelas narrativas de experiências de ensinar e aprender e pelas narrativas dos pesquisadores aqui reunidos possam produzir, em colaboração com cada leitor, novos sentidos para as questões ligadas ao ensino e à aprendizagem de línguas. Afinal como lembra Riessman (1993, p. 22) “narrativas são interpretativas e também requerem interpretação”.

Referências Bibliográficas

- BENSON, P.; NUNAN, D.C. (Ed.). Special issue on the experience of language learning. *Hong Kong Journal of Applied Linguistics*, v. 7, n. 2, 2002.
- BENSON, P.; NUNAN, D.C. (Ed.). *Learners' Stories: Difference and Diversity in Language Learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BRUNER, J. *Atos de significação*. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Narrative inquiry: experience and story in qualitative research*. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- KALAJA, P.; MENEZES, V.; BARCELOS, A. M. F. (Org.). *Narratives of learning and teaching EFL*. Londres: Palgrave/Macmillan, 2008.

LABOV, W. ; Waletzky, J. Narrative analysis. In: HELM, J. (Ed.). *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle: U. of Washington Press, 1967. p. 12-44

LABOV, W. Some Further Steps in Narrative Analysis. *Journal of Narrative and Life History*. v. 7, n. 1-4, p. 395-415. 1997. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/sfs.html#fnB1>>. Acesso em> 30 set. 2008.

LIEBLICH, A., Tuval-Mashiach, R. and Zilber, T. *Narrative Research: Reading, Analysis and Interpretation*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.

PINNEGAR, S.; J. G. DAYNES. Locating narrative inquiry historically. In: CLANDININ, D. J. *Handbook of narrative inquiry: mapping a methodology*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage, 2007.

POLKINGHORNE, D. E. Narrative configuration in qualitative analysis. *Qualitative Studies in Education*, v. 8, n. 1, p. 5-23, 1995.

POLKINGHORNE, D. E. *Narrative knowing and the human sciences*. Albany, NY: State University of New York Press, 1988.

TODOROV, I. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1979.